

O LEGADO DE ULRICH BECK

JULIA SILVIA GUIVANT¹

Introdução

Ulrich Beck realizou uma das mais criativas contribuições para a teoria social do final do Século XX e início do Século XXI. Esta avaliação foi enfatizada com ênfase após seu repentino falecimento no início de 2015 em testemunhos publicados nos mais importantes jornais internacionais.

Desde a publicação de *A sociedade de risco* (2011a), em alemão em 1986 e em inglês em 1992, e sua extensa obra em livros, artigos, notas em jornais, palestras, debates, etc, Beck converteu-se em um dos teóricos sociais mais relevantes de nossa época, estabelecendo diálogos com os mais importantes e consolidados nomes do espectro acadêmico. É o caso da colaboração com Giddens (1990, 2002, 2010), que se mostrou muito frutífera durante a década de 1990, e permitiu a complexa caracterização da modernização reflexiva e a passagem para a teoria da sociedade global de risco.

Beck começou provocando as teorias sociais dominantes e colocando a questão ambiental como central para entender nossa sociedade global. Com diversas novas categorias se atreveu a formular uma teoria geral, abrangendo desde as condições da pesquisa científica, a crise ecológica, o papel do Estado, questões de soberania e nacionalismo, até o “caos normal do amor” (título de um de seus livros em parceria com sua esposa BECK-GERNSHEIM; BECK, 1995).

Escreveu e refletiu sobre diversos temas básicos da sociologia, mas com uma visão renovada, estimulantemente e criativa para outras áreas, a exemplo da sociologia ambiental (GUIVANT, 1998), administração, direito, economia e religião (LATOURETTE 2003). Com seu falecimento, ficamos com uma obra aberta, em construção, com planos inacabados de aprofundar teoricamente suas ideias, expandindo-as empiricamente.

Neste artigo, pretende-se apresentar os tópicos que se destacaram na sua obra mais recente. Para poder expor sua contribuição já no século XXI, antes, de modo breve será dado ênfase nas publicações que lhe deram reconhecimento internacional, sem pretender realizar uma biografia intelectual completa.

1. Professora Dra, Depto de Sociologia e Ciência Política, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Email: julia.guivant@ufsc.br

A sociedade global de risco e a modernização reflexiva

Desde suas primeiras obras Ulrich Beck procurou sacudir a teoria social das teias de aranha, criticando o papel que tinham algumas categorias, as quais denominou “conceitos zumbis”, como Estado, classes sociais, família, nação (BECK, 2002^a, pp. 14-18). Novos problemas, nova teoria, que em lugar de ter como central as classes, passou a ter os riscos ambientais como eixo para definir a sociedade de risco. Não se tratava de riscos comuns, mas daqueles que apresentavam graves consequências (irreversíveis, uma vez identificados, invisíveis e democráticos, ultrapassando qualquer fronteira e classe social) e que emergiram, fundamentalmente, após a segunda Guerra Mundial. Trata-se de riscos contra os quais não podemos obter seguros para proteção, porque não podem ser calculados. Eles estão na dimensão da incerteza. A energia nuclear e os agrotóxicos eram exemplos paradigmáticos. O pacto pelo progresso realizado entre ciência e indústria teria sido a origem da sociedade de risco, que agora vem até nós com um forte efeito bumerangue.

Beck (2010) relata que quando aconteceu o acidente nuclear de Chernobyl (25 de abril de 1986) estava revisando as provas do livro e acabou adicionando um novo prefácio, argumentando que aquele era um claro exemplo da nova modernidade na qual estamos afetados pelos efeitos colaterais da vitória sobre a luta pelo controle dos recursos naturais. Agora seríamos nós próprios o perigo e o progresso em si, a fonte de riscos. Com esta nova proposta e conceitos, gradativamente, Beck passou a ser uma referência obrigatória nos debates acadêmicos. Com estilo ensaístico, entrou de uma forma original no tema dos riscos, que já contava com uma significativa tradição na teoria social como uma área específica.

Para Beck os riscos não são sinônimo de catástrofe, mas sim a antecipação desta. Eles existem em um estado permanente de virtualidade e passam a ser tópicos quando antecipados através de diversas técnicas de visualização, especialmente aquelas utilizadas pela mídia.

A pesar da ênfase nos riscos de graves consequências, que nos levam a deixar para o passado a modernização simples, típica da revolução industrial, a análise de Beck não é pessimista. Os novos riscos permitem também novas alianças e de novas formas de fazer política, chamadas por Beck de sub-política (BECK, 1997). Este seria um dos espaços possíveis da reflexividade, fora das instituições representativas do Estado-Nação, em especial partidos políticos, e onde poderia emergir a cooperação entre instituições internacionais e entre atores locais transnacionalmente vinculados. A classe, como categoria de mudança social, é substituída por estes novos atores sociais e políticos, que sim tem a possibilidade de desafiar as estruturas dominantes.

O outro espaço possível é o da reflexividade como reflexo, que não envolve consciência nem ação política porque se dá de forma objetiva, não intencional, dentro da dinâmica desencadeada pela sociedade de risco. O entendimento da reflexividade, com os dois aspectos, o relacionado com a subjetividade/construtivismo e o relacionado com a objetividade/realismo, apresenta Beck distante de algumas formulações de Giddens (BECK *et al.*, 2003) porque remete à radicalização da sociedade moderna. Isto se observa

também na forma em que define individualização, não como um processo voluntário, mas sim decorrente de uma dinâmica institucional da segunda modernidade dirigida ao indivíduo e não ao grupo (BECK, 2002^a, pp 67-83). O mesmo processo compulsivo Beck identifica na cosmopolitização – o que veremos mais adiante.

Beck (2010) reconheceu que no livro *A Sociedade de Risco* ainda mantinha uma visão universalista, generalizando a sua análise a partir da experiência europeia. Nos seus escritos posteriores, ele continuou considerando o processo da modernização reflexiva como universal, mas só no que remete a dificuldade de evitar os efeitos colaterais da industrialização. Beck passou a falar de modernidades múltiplas, se referindo a como aquele processo pode assumir formas diferentes, com possibilidades de superposição entre a pré-modernidade, primeira e segunda (ou reflexiva) modernidades e sem uma linearidade¹.

Nas obras em que analisa a sociedade global de riscos, Beck (principalmente 1999, 2005, 2009) aprimora e expande sua definição dos riscos ao caracterizá-los como os que possibilitam a antecipação de catástrofes planetárias, e que abrangem, além dos centrais riscos ambientais, os econômicos e aqueles decorrentes do terrorismo (BECK 2002), que devem ser vistos como interligados às crises planetárias.

Também passa a situar com maior precisão os riscos ambientais, ao afirmar que não podem ser entendidos em uma oposição dualista entre natureza-sociedade (BECK, 1996), tal como foi identificado previamente, como ele reconhece, por Bruno Latour, Donna Haraway e Barbara Adams. Estamos diante de riscos globais, que são reais e simultaneamente socialmente definidos de acordo com as relações de poder: quem tem o poder de estabelecer e medir tais riscos? Além disso, quem define o que é risco ou não é risco? A realidade dos riscos pode ser apresentada de forma dramática ou minimizada, de acordo com quem decide o que se deve e se pode conhecer. Estamos frente a riscos incertos e manufaturados dentro de nossa civilização, que foram industrialmente internalizados. Seguindo essas perguntas, que caracterizam a reflexividade realista de Beck, deveria ser pesquisado como as evidências são produzidas e como as interpretações alternativas são fechadas em caixas pretas (BECK, 1996).

A sociologia cosmopolita

A análise dos riscos globais não pode ser desvinculada do que Beck define, posteriormente, como virada cosmopolita. Nessa nova e ambiciosa proposta, vista por Beck (2002c, p. 17) até como “revolucionária”, identificamos alguns elementos centrais no conceito de *cosmopolitanização*ⁱⁱ.

Tal conceito não deve ser confundido com um normativismo filosófico para ordenar o mundo, nos termos de Kant, nem como o ideal do cidadão globalizado. Trata-se de uma perspectiva sociológica que foca no processo, nada puro, que nos impele a assumir os riscos globais com soluções complexas que incluem o elemento cosmopolita: o imperativo passa a ser que temos que trabalhar juntos, considerando as contradições e conflitos que permeiam a realidade. Aqui estaríamos frente à cosmopolitização empírico-analítica, completamente diferente do cosmopolitismo normativo, como uma força compulsiva e não uma escolha voluntária (BECK *et al.*, 2013, p. 3).

O processo de cosmopolitização significa globalização desde dentro das sociedades nacionais, com transformações importantes nas identidades cotidianas, porque os problemas globais passam a ser parte de nosso dia a dia, e das estruturas de governança global. Essa é a diferença fundamental com o termo “globalização”, que delimita mais algo que está lá fora. A cosmopolitização tem lugar desde dentro (BECK e SZNEIDER, 2006).

Uma das dimensões que explicam a cosmopolitização refere-se a a forma pela qual se interpreta a diversidade e em como se lida com ela. É aqui não se trata simplesmente de pluralidade: não só há diferentes tipos de sociedades modernas mas em especial há novas formas de dinâmicas interligando as sociedades. Todos passamos a estar imperativamente e coercitivamente conectados, ainda que os riscos globais possam afetar países, estados e culturas de formas diferentes (BECK, 2011b, p. 1348). E a partir daqui, outras questões são colocadas:

Podem as razões pelas quais uma sociedade justificar a exclusão dos estrangeiros serem questionadas por membros da sociedade e também pelos estrangeiros? Quem questiona, decide, justifica e define quem é ‘quem’? ... [...] Podem os membros exigirem o direito de homogeneidade para excluir outros? O direito da ‘homogeneidade religiosa’, da ‘homogeneidade racial’? Ou de ‘limpeza étnica’? (BECK, 2002b, p. 20).

Para Beck, estamos frente a uma constelação cosmopolita que cria novas demandas de legitimação, abrindo discussões de como integrar os excluídos (BECK e BECK-GERNSHEIM, 2002). Portanto, a cosmopolitização é assimétrica, permeada de relações de poder e força, e pode criar novas assimetrias dentro e entre as sociedades.

A outra dimensão do cosmopolitanismo é a que refere-se a natureza endêmica dos riscos globais, que cria possibilidades para uma nova civilidade global ou um novo compartilhado destino civilizacional cosmopolita. Aos riscos globais correspondem alternativas possíveis, mas não obviamente inevitáveis, e que seriam o resultado de uma reflexividade transnacional, cooperação global e ações coordenadas. Estaríamos confrontados com novos riscos que criam imperativos, responsabilidades, cosmopolitas, porque por um lado misturam o “nativo” e o “estrangeiro” e contribuem para a emergência de uma consciência global; e, por outro, criam redes interligadas de decisões políticas entre os estados e seus cidadãos, alternando as características territoriais dos sistemas de governança (BECK e GRANDE, 2010, p. 417).

Com o reconhecimento de estes novos riscos surgem comunidades cosmopolitas, sem delimitações no tempo e espaço. Nessas comunidades ou coalizões cosmopolitas de atores diversos além das fronteiras do estado-nação se estabelecem lutas por projetos conflitantes, cada um tentando representar interesses “universais”. E estes são novos espaços que devem ser pesquisados.

Junto com a proposta teórica, Beck desenvolveu um questionamento profundo do estado das ciências sociais, impregnadas pelo que identifica como *nacionalismo metodológico* (BECK, 2000, 2006; 2011b; BECK & GRANDE, 2010). Este é um grave problema porque assume como universal o que é particular, e, mais ainda, aparece como uma limitação com as transformações do papel do estado-nação. Essa restrita abordagem impede

a compreensão das dinâmicas e conflitos específicos que caracterizam a sociedade global de riscos, e que são globalmente construídos, mediados e encenados. Beck propõe um *cosmopolitanismo metodológico* (BECK, 2006; BECK e GRANDE, 2007; BECK e GRANDE, 2010) como uma abordagem que toma como ponto de partida as variedades da modernidade e suas interdependências globais. A partir desta abordagem seria possível estudar os acima mencionados novos riscos sociais, econômicos e ambientais (como mudança climática, bio-política, ameaças terroristas) e as características da segunda modernidade, decorrentes de novas fronteiras globais.

As instigações da sociologia cosmopolita são muitas, começando com como estudar o global e como evitar cair na filosofia e metafísica enquanto não se conte com referências empíricas sistemáticas.

Beck destacou dois conceitos que podem orientar esse trabalho e que estão sendo trabalhados por outros sociólogos, como John Urry: o de interconectividade e o de cosmopolitização desde dentro. Pelo primeiro, entende *the fluid that flows*' (BECK, 2002 b, p. 25), mobilidade, redes, que nem as fronteiras nem as relações podem estabelecer as diferenças entre um local e outro. As fronteiras e as relações podem oscilar e se transformar sem fraturas. Pelo segundo, como já vimos, remete a algo a mais que ter sensibilidade transnacional para fazer pesquisa empírica sociológica. E, também, a algo a mais que a dimensão disciplinar.

A geografia, antropologia, etnologia, relações internacionais, direito internacional, filosofia política e teoria política juntam-se à sociologia na necessidade de mudar o eixo central teórico e empírico, na virada cosmopolita (BECK e SZNAIDER, 2006). Este foi o tema principal de um número especial do periódico *The British Journal of Sociology*, de 2006, assim como de uma trilogia de livros, onde Beck (2005, 2006) e Beck e Grande (2007) tomam a União Europeia como modelo de processos de cosmopolitização. Mas com a crise desse modelo e a centralidade do poder alemão, Beck reviu, em parte, suas teses no livro *German Europe*, de 2013.

Mudança climática e metamorfoses: o projeto inacabado

Em 2012, Beck iniciou um projeto de desenvolver a sociologia cosmopolita com o objetivo de reinventar as ciências sociais na época da cosmopolitização, propondo novos avanços teóricos, metodológicos e empíricos. Beck reconheceu a necessidade de dar maior materialidade a suas propostas articulando estas com pesquisas empíricas.

O foco passou a ser a mudança climática, como um dos mais relevantes problemas globais que preocupam populações e governos. O projeto, denominado *Methodological Cosmopolitanism – In the Laboratory of Climate Change (Cosmo-Climate)*ⁱⁱⁱ, foi financiado pelo European Research Council pelo período de 5 anos. Dois blocos dividem o projeto: O primeiro é referente ao estudo das alterações climáticas cosmopolitas, com três estudos de caso abrangentes 1) o esverdeamento das cidades do mundo; 2) as redes de inovação de baixo carbono; e 3) a mídia e os riscos globais. O segundo bloco envolve o desenvolvimento da teoria cosmopolita, colocando os componentes dos estudos de caso em um processo distinto de (re)estruturação a partir do cosmopolitismo metodológico.

Uma das contribuições pretendidas através desta perspectiva era a de obter uma melhor compreensão a respeito de como surgem novos tipos de atores, ou seja, atores cosmopolitas como motores de transformação sociopolítica.

Beck visava, com esta proposta, preencher um ponto cego no pensamento atual sobre as questões climáticas, que se por um lado é muito sofisticado em relação à ciência do clima, a racionalidade econômica e presente em certos projetos políticos, por outro lado falta uma compreensão sistemática de como diferentes sociedades, cidades e regiões são alteradas pelos riscos de mudanças climáticas, respondendo a estes.. Esta proposta está intimamente relacionada com sua inquietude formulada na seguinte pergunta (BECK 2010b, p. 254)

Why is there no storming of the Bastille because of the environmental destruction threatening mankind, why no Red October of ecology? Why have the most pressing issues of our time – climate change and ecological crisis – not been met with the same enthusiasm, energy, optimism, ideals and forward-looking democratic spirit as the past tragedies of poverty, tyranny and war? (BECK 2010b, p. 254)^{iv}

Para Beck, a sociologia cosmopolita podia dar pistas importantes para entender e até para mudar essa interpretação limitada sobre a mudança climática. Nesta direção, respondeu as perguntas colocadas na citação acima com 8 teses: 1) o discurso sobre mudança climática é elitista e dominado pelos peritos, deixando for a outras vozes importantes; 2) a política climática deve ser entendida não como sendo só sobre o clima mas especialmente sobre as transformações necessárias das categorias que temos utilizados para entender as instituições da primeira modernidade; 3) há uma complementariedade total entre mudança climática e desigualdades sociais; 4) a mudança climática é ambivalente (hierárquica e democrática) e demanda a reinvenção da política ambiental; 5) as regulações devem focar em quem tem o poder de definir as regras de transparência, compensação e prova; 6) é crucial entender a importância do papel central da media global colocando em cena os riscos globais e permitindo que estes passem a ser ‘eventos cosmopolitas’; 7) a mudança climática pode permitir a construção de uma modernidade alternativa com uma nova visão sobre o que é prosperidade; e 8) uma modernidade ambientalmente orientada pode ser atingida através do cosmopolitanismo como um poder multiplicador: pode ser o resultado de superar as fronteiras nacionais para alcançar a política do clima.

Com estas colocações novamente emerge sua perspectiva surpreendente, pelo otimismo e pela forma em que a formula. Beck muda os termos dos debates e questiona se realmente está acontecendo tal mudança climática e constatando-se que ocorre, o que busca respostas sobre o que pode ser feito para parar este fenômeno.

Para Beck o foco nas soluções nos impede de ver que a mudança climática já mudou a nossa forma de imaginar e de fazer política. Enquanto no livro *A Sociedade de Risco* Beck falava dos efeitos negativos (*bads*) e dos bens (*goods*) produzidos pela sociedade altamente industrializada, frente à mudança climática há a possibilidade de que os *bads* produzam *common goods*. Aqui estariam os, ainda não vistos, efeitos colaterais emancipatórios do risco global.

Beck vira pelo avesso as interpretações de que a mudança climática é uma catástrofe apocalíptica, captando um processo de *catástrofe emancipatória*. Isto se deve fundamentalmente a que entre os *goods* haveria uma transformação nas condições e na compreensão da transformação, que ele denomina *metamorfoses* ou mudança epocal (BECK, 2014). Esta não seria meramente uma mudança social, nem evolução, nem reforma ou revolução. Trata-se de um modo de mudar a forma da mudança (*It is a mode of changing the mode of change*).

A metamorfose tem o poder de levar a novos desenvolvimentos, em termos de leis, regulações, tecnologias, negociações entre cidades, etc, mas sem respostas políticas lineares e sem focar na redução das emissões de carbono. Essas teriam passado a ser uma espécie de gaiola de ferro da política ambiental, fundamentalmente nos termos das ciências naturais, com um discurso elitista, sem atingir os cidadãos (BECK 2010 a, b).

Beck recorre ao papel da nova sociologia cosmopolita para dar fundamento a sua interpretação. A mudança climática pode levar a integrar os aspectos naturais e sociais, transformar as instituições sociais, assim como a compreensão do clima e do meio ambiente. Implica assim em novas formas de poder, desigualdade e insegurança, junto com a criação de novas formas de ser e de atuar no mundo, em cooperação e solidariedade (BECK *et al.*, 2013).

Em uma escala de cenários futuros pode predominar tal cooperação ou uma perspectiva sinistra de radical separação entre os países ricos e os pobres. A cosmopolitização seria compatível com ambas as possibilidades ou algumas outras intermediárias. Mas ainda, apontam Beck *et al.* (2013), falta saber como estas tendências opostas se cruzam em torno dos riscos climáticos globais e com quais consequências. E isto é trabalho para a sociologia, questionando que a política ambiental é mais que sobre o clima: é sobre transformar as instituições da modernidade e os conceitos que as estudam (BECK, 2010b).

O que já poderia ser identificado como tendo lugar na segunda década deste século é a configuração de um novo horizonte de percepção da mudança climática e das estratégias de ação, que se deve a: 1) mudanças na estrutura das classes sociais e nas desigualdades criadas pelo aumento do nível do mar, criando novos mapas do mundo. Isto implica uma maneira diferente de conceitualizar o mundo e as chances de sobrevivência; e 2) as pessoas que tomam as decisões não são as mesmas que sofrem as consequências. Aqui Beck identifica uma irresponsabilidade organizada, onde os afetados não são incluídos nos processos decisórios. Beck aprofunda a compreensão dessa mudança através de 3 novas lentes conceituais de análise sobre a antecipação da catástrofe global: 1) transgride normas não escritas de nossa civilização; 2) causa um choque antropológico; e 3) provoca uma catarse social. Essa última é explicada por Beck tomando o exemplo do furacão Katrina. Uma experiência inédita que, através da ação e trabalho de grupos diversos, levou a reflexões pelas quais o que não estava aparentemente vinculado, aparece interligado: injustiça racial e justiça global.

Aqui estamos frente a uma inovadora unidade de pesquisa que é a comunidade de risco, incluindo os excluídos na perspectiva nacional. A mudança climática abre a possibilidade de pensar em termos de um novo paradigma que inclua os outros excluídos globalmente. Por isto, a justiça cosmopolita deveria estar na agenda internacional. As comunidades cosmopolitas do risco climático são uma possibilidade de resposta ao mundo

na beira do risco. Elas são novas constelações de atores sociais, não necessariamente em relações face a face, mas compartilhando equivalentes experiências de riscos climáticos, com potencialidades de ação coletiva.

Um dos exemplos é a conexão narrativa entre fenômenos distantes e aparentemente distintos que pode ser estabelecida entre usuários de escovas de dente elétricas nos EUA e casais que discutem sobre os hábitos de consumo na Europa e Japão, com representantes disputando sobre um acordo pós-Quito em conferências climáticas globais, passando para as vítimas de eventos de inundação e projetos na Austrália, China, Índia e Bangladesh (BECK, 2012). Esta inclusão coercitiva do “outro distante”/excluído é o que Beck define como o fato científico social da cosmopolitização.

Em toda sua produção está presente o chamado *a virada cosmopolita*, que deveria levar a uma reinvenção da sociologia para o século XXI, trocando os sentidos dos conceitos básicos e criando novos, que permitissem captar as metamorfoses do mundo. Categorias como Norte-Sul, Ocidente e o resto, deixam de ter capacidade explicativa. E essa perspectiva de superar os erros de toda uma época do capitalismo industrial, concentrados na mudança climática, coloca questões muito amplas e respostas difíceis. Mas é um desafio que não dá para evitar.

Comentários finais

Tivemos a honra de fazer parte da equipe de pesquisa no projeto coordenado por Beck e que acabou sendo seu último empreendimento intelectual. O projeto ficou truncado pelo corte do financiamento do European Research Council após o falecimento de Beck. Mas a equipe internacional formada por Anders Blok, Sabine Selchow, David Tyfield, Ingrid Volkmer, Daniel Levy, Svetla Marinova, Albert Groeber, Elisabeth Beck-Gernsheim, Ana María Vara e eu esperamos terminar o trabalho já iniciado.

O legado deixado e a possibilidade de compartilhar alguns importantes momentos com ele, vai além da influência de suas ideias.

Escrever sobre Beck deixou de ser, a partir de sua morte, um exercício puramente acadêmico. Descobri *A Sociedade de Risco*, em 1994, e a partir da sua leitura envolvente encontrei um referencial teórico poderoso, que passou a fazer sentido em muitas de minhas ideias desenvolvidas no meu doutorado sobre percepção de riscos de agrotóxicos, em 1992. Os sentimentos se misturam nesta organização de suas inquietantes propostas porque, ao conhecê-lo pessoalmente no grupo de pesquisa, nota-se um intelectual que sabia escutar, respeitoso, delicado com as críticas; estimulador e motivador de diversas ideias para seguir seu trabalho; modesto, apesar de seu brilho; e paciente, cheio de energia e motivação, assim como de vontade de pensar em conjunto, para elaborar melhor suas intuições e construir com seriedade e rigor acadêmico uma nova proposta teórica e empírica para as ciências sociais, que revigorou a sociologia ambiental. Beck nos deixou muitos desafios que abrem inúmeros caminhos para pensar sociologicamente o mundo atual e para agirmos politicamente.

Notas

- i Ver crítica ao problema do evolucionismo e eurocentrismo na Sociedade de Risco em Guivant (2001).
- ii Em inglês *cosmopolitanization* (BECK, 2002a).
- iii <http://cosmostudies.com/>
- iv “Por que não há uma tomada da Bastilha causada pela destruição ambiental produto da ação humana; por que não há um Outubro Vermelho da ecologia? Por que os mais importantes assuntos de nossa época -mudança climática e crise ecológica- não encontram o mesmo entusiasmo, energia, otimismo, ideais e um progressivo espírito democrático como as tragédias passadas de pobreza, tirania e guerra?” (tradução da autora).

Referências Bibliográficas

- BECK-GERNSHEIM; BECK, Elisabeth & BECK, Ulrich. **The Normal Chaos of Love**. Cambridge: Polity Press, 1995.
- BECK, Ulrich. **World risk society as a cosmopolitan society? Ecological questions in a framework of manufactured uncertainties**. *Theory, culture and society*, vol.13 (4): 1-32, 1996.
- _____. **Subpolitics. Ecology and the Disintegration of Institutional Power**. *Organization Environment*, vol. 10 (1): 52-65, 1997.
- _____. **World risk society**. Cambridge: Polity Press, 1999.
- _____. **What is globalization?** Cambridge: Polity Press, 2000.
- _____. **Liberdade ou capitalismo**. Ulrich Beck conversa com Johannes Willms. São Paulo: Editora Unesp, 2002a.
- _____. **The cosmopolitan society and its enemies**. *Theory, Culture and Society*, vol.19(1-2): 17-44, 2002b.
- _____. **The terrorist threat. The world risk revisited**. *Theory, Culture and Society*, vol 19 (4): 39-55, 2002c
- _____. **Power in the global age: A new global political economy**. Cambridge: Polity Press, 2005.
- _____. **The cosmopolitan vision**. Cambridge: Polity Press.
- _____. **World at risk**. Cambridge: Polity Press, 2009.
- _____. **Clash of Risk Cultures or Critique of American Universalism**. *Contemporary Sociology: A Journal of Reviews*. Vol. 40 (6): 662-667, 2010a.
- _____. **Climate for Change, or How to Create a Green Modernity?** *Theory, Culture & Society*. Vol. 27(2-3): 254-266, 2010b.
- _____. **Sociedade de risco. Rumo a uma outra modernidade**. São Paulo: Editora 34, 2011a.
- _____. **Cosmopolitanism as Imagined Communities of Global Risk**. *American Behavioral Scientist*. 55 (10): 1346-1361, 2011b.

_____. **Methodological Cosmopolitanism – In the Laboratory of Climate Change.** ERC Advanced Grant 2012. Research proposal, 2012.

_____. **German Europe.** Cambridge: Polity Press, 2013.

_____. **Emancipatory catastrophism: what does it mean to climate change and risk society?** Public Lecture, Seoul, Korea, July 8, 2014.

BECK & Beck-Gernsheim, E. **Individualization: Institutionalized Individualism and its Social and Political Consequences.** Londres: Sage, 2002.

BECK, U.; BLOK, A.; TYFIELD, D.; ZHANG, J.Y. **Cosmopolitan communities of climate risk: conceptual and empirical suggestions for a new research agenda.** *Global Networks* 13 (1): 1-21, 2013.

BECK, U.; BONSS, W. e LAU, C. **The theory of reflexive modernization. Problematic, hypotheses and research programme.** *Theory, Culture and Society*, Vol. 20 (2): 1-33, 2003.

BECK, U. & GRANDE, E. **Cosmopolitan Europe.** Cambridge: Polity Press, 2007.

_____. (Eds.). **Varieties of second modernity: Extra-European and European experiences and perspectives [Special issue].** *British Journal of Sociology*, 61 (3), 2010.

BECK, U. & SZNAIDER, N. **Unpacking cosmopolitanism for the social sciences: a research agenda.** *The British Journal of Sociology*, Vol 57 (1), 2006.

GIDDENS, A. **Modernidade e Identidade.** São Paulo: Zahar, 2002.

_____. **As consequências da modernidade.** São Paulo: Unesp, 1990.

_____. **A política da mudança climática.** São Paulo: Zahar, 2010.

GUIVANT, J.S. **A teoria da sociedade de risco de Ulrich Beck: entre o diagnóstico e a profecia.** *Estudos Sociedade e Agricultura*, n. 16: 95-112, 2001.

LATOUR, B. **Is re-modernization occurring –and if so, how to prove it? A commentary on Ulrich Beck.** *Theory, Culture and Society*, vol 20 (2):35-48, 2003.

Submetido em: 22/10/2015

Aceito em: 19/12/2015

<http://dx.doi.org/10.1590/1809-4422ASOC150001ExV1912016>

O LEGADO DE ULRICH BECK

JULIA SILVIA GUIVANT

Resumo: Neste artigo apresento uma breve revisão das principais contribuições de Ulrich Beck, Seu repentino falecimento, no início de 2015, deixou parte de seu trabalho inconcluso, mas com enorme potencial para ser seguido. Na primeira parte avalio as suas ideias a partir do livro “Risk Society”. Na segunda parte foco na sua produção entorno da teoria cosmopolita para as ciências sociais. Finalmente, me detenho no projeto de pesquisa ao qual Beck se dedicou nos seus três últimos anos de vida, e no qual procurou operacionalizar tal teoria na temática da mudança climática. Este não era mais um tema, mas o tema para entender as possibilidades de transformação que estariam se abrindo para nossa sociedade. Numa ótica otimista, Beck passou a falar da emancipação potencial a partir da catástrofe e da metamorfoses que diversas novas instituições e agentes poderiam passar a experimentar com os desafios colocados pela mudança climática.

Palavras-chave: Sociedade de risco; mudança climática; cosmopolitanismo; metamorfoses.

Abstract: This article presents the core ideas of Ulrich Beck and his legacy is evaluated. The first part introduces the most widely known concepts, disseminated in the national and international contexts, centered on the works from the period following the publication of his book “Risk Society: Towards a New Modernity”. The quest for transforming sociology, both theoretically and methodologically, was a central drive in the approach proposed by Beck, questioning the zombie concepts permeating the area. From social theory, Beck started to significantly influence other areas within the discipline, highlighting environmental sociology and risk theories. The second part presents more recent works, focusing on the cosmopolitanization concept. This is not part of a normative proposal, but rather an analytical one of a process that has seized our contemporary world, largely independently of our intentions. Reading this part of his work is highly relevant to understand both the intellectual and political challenges permeating the complex metamorphoses of our time. The axle of the final part is his last research into climate change and how Beck and his team were facing the need of empirically translating the richness of the sociologist’s ideas and insights. Fundamentally, the aim of this article is to highlight how his legacy opens innumerable and creative possibilities of recreating the social sciences field.

Resumen: En este artículo presento una breve revisión de las principales contribuciones de Ulrich Beck. Su repentino falecimiento, al inicio de 2015, dejó parte de su trabajo incon-

cluso, pero con enorme potencial para ser seguido. En la primera parte evaluo sus ideas a partir do libro “Risk Society”. En la segunda focalizo en su producción en torno de la teoría cosmopolita para las ciências sociales. Finalmente, me detengo en su proyecto de investigación al que Beck dedico los últimos três años de su vida, y en el cual buscó operacionalizar aquella teoría en el tema del cambio climático. Este no era un tema más, sino el tema para poder entender las posibilidades de transformación que estarían abriéndose para nuestra sociedad. A partir de una óptica optimista, Beck pasó a hablar de la emancipación potencial que vendría de la catástrofe y de la metamorfosis que diversas nuevas instituciones y agentes podrían pasar a vivenciar con los desafíos colocados por el cambio climático.

Palabras clave: sociedad de riesgo; cambio climático; cosmopolitanismo; metamorfosis.
